

Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	
Título: O contributo que o vinho deu para a modernização da cidade					Temática: Generalista	
2006/10/08	JORNAL DE NOTICIAS PORTO – PRINCIPAL	Pág.28	Imagem: 1/1		Periodicidade: Diária	Inv.: n.a.

O contributo que o vinho deu para a modernização da cidade

Retratos da história do vinho do Porto, a propósito dos 250 anos da Região Demarcada do Douro



Quando, em 1756, o Marquês de Pombal, por sugestão de um importante sector da burguesia mercantil portuense, fundou a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, não teve em mente acudir, apenas, aos problemas que afectavam o sector e evitar a ruína dos lavradores durienses que parecia iminente. Sebastião José de Carvalho e Melo preparava-se, também, para rentabilizar da melhor maneira os pingues rendimentos que iria colher da comercialização dos vinhos do Alto Douro.

Primeiro começou por garantir e defender a genuinidade daquele produto duriense. Empenhou-se, depois, na revitalização da actividade mercantil da cidade promovendo, o comércio interno e externo do vinho, com especial atenção para as exportações para o Brasil.

Mas na mente do Primeiro Ministro de D. José I, havia ainda outros objectivos: com o importante apoio económico proveniente do produto, arrecadado com a cobrança dos impostos, quis desenvolver e modernizar o Porto, não apenas nos sectores social e administrativo, mas também no campo urbanístico e cultural. E não há dúvida de que foram as rendas, colhidas com a comercialização dos vinhos, que concorreram, de forma indubitável,

para o progresso e o crescimento do Porto, especialmente desde o século XVIII ao século XIX. Foi, com efeito, a partir dos meados do século XVIII que a cidade começou a expandir-se para fora do perímetro das muralhas fernandinas, a crescer e a modificar por completo a fisionomia de velha urbe medieval.

Entretanto, por iniciativa de João de Almada e Melo, primo do Marquês, por este nomeado Governador da Cidade, cria-se, em 1758, a Junta das Obras Públicas que passou a regularizar "com a necessária ordem" a construção de casas e a abertura de novas ruas. E é neste contexto que começa a surgir um Porto novo. Rasgam-se artérias; desenharam-se alamedas e jardins; constroem-se miradouros. São desta época as ruas de S. João, Santa Catarina, 31 de Janeiro e Santo Ildefonso. O chamado plano urbanístico do Laranjal, que permitiu a abertura das ruas de Almada, da Conceição, de Ricardo Jorge e das praças da Liberdade e da Trindade é também desta época. Simultaneamente erguiam-se igrejas (Carmelitas, Terceiros do Carmo, Clérigos, terço e S. João Novo) e construíam-se novas e modernas moradias senhoriais como as dos condes de Samodães e do Visconde de Pereira Machado; e os palácios dos Carrancas e dos condes da Trindade, entre muitos outros.

O JN promove uma série de passeios, guiados por Germano Silva, nos quatro domingos de Outubro. Publicaremos textos alusivos ao tema. O passeio de hoje começa às 9,30 horas no Jardim da Cordoaria. Os "passeantes" devem fazer-se acompanhar do recibo que lhes foi entregue no acto da inscrição.

As origens

► A mais antiga referência ao Vinho do Douro com designação de "Porto" só nos aparece em 1675. Mas a origem do famoso vinho é muito mais antiga. Sabe-se, por exemplo, que nos séculos XII e XIII, no território que corresponde hoje ao espaço português continental, a vinha e o vinho já era cultivada e fabricado em larga escala. No que ao Porto mais concretamente diz respeito, podemos adiantar que o bispo D. Hugo (114-1136) foi um grande fomentador do cultivo da vinha e do fabrico do vinho como se depreende desta parte do foral que deu à cidade: "...aquele que plantar vinha fora dos muros, nos lugares que o Meirinho lhes der, pagará a quarta parte do vinho que ela produzir ao celeiro da Sé portuense. De quanto se trabalhar na vinha, depois que for plantada, não se pague senão o dizimo, pela sua alma, até que a vinha produza vinho..." Na opinião do engº agrónomo José Joaquim da Costa Lima, que, nos idos de quarenta, foi director do Instituto do Vinho do Porto, a zona que tem por centro Santa Marta de Penaguião "...é que foi o berço do afamado vinho de embarque mais tarde conhecido por "Vinho do Porto". E, ainda segundo a óptica do mesmo autor, foi o tratado de Methuen, assinado em 1703 entre Portugal e a Inglaterra, que "...desperpetou a nossa agricultura, promovendo, aos poucos e poucos, o seu desenvolvimento..." Ao iniciar-se o ano de 1754, os produtores vitivinícolas, de um modo especial, e a lavoura em geral, da região duriense estava á beira da ruína. Urgia sair da crise. E a solução apareceu com a criação, em 1756, da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro. <

Vinho do Porto ou de Gaia?

► Esta é uma pergunta muitas vezes é formulada e para a qual nem sempre há uma resposta convincente. Tudo começa em 1120, quando a rainha D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, doou o senhorio da cidade do Porto ao bispo D. Hugo. Fundamentado naquela doação o prelado entregou, em 1123 o Foral da Cidade aos cidadãos do Porto. De entre as imposições constantes

desse documento constava a cobrança de vários impostos entre os quais os do vinho.

Em 1255, D. Afonso III, o Bolo-nhês, fundou e deu Foral a Vila Nova de Gaia. E ordenou que a partir dali, "se fizesse nela a descarga e despacho de toda as mercadorias e fazendas que entrassem pela barra ou viessem de cima do Douro, para cujo fim colocou ali oficiais seus; e tudo isto para auferir os rendimen-

tos que daí provinham ao bispo e cabido da cidade do Porto..."

Quer dizer, D. Afonso III, fundou Vila Nova de Gaia, concedendo aos seus habitantes muitos privilégios e isenções, a fim de que os impostos sobre as mercadorias que entravam e saíam pelo rio fossem pagos à Coroa e não à Mitra.

Este parece ter sido o primeiro grande motivo pelo qual os armazéns "de vinhos de embarque" fo-

ram sendo implantados em Vila Nova de Gaia, mas há outra razão de peso: as excelentes qualidades naturais do terreno escolhido.

Voltados a Norte, abrigados dos ventos frios que sopram da barra, os terrenos onde se construíram os armazéns de vinhos, em Gaia, beneficiam de um clima ameno, fresco em tudo propício à boa conservação dos vinhos nas enormes cubas e tonéis onde eles são guardados. <